

## Literatura à margem do cânone: Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco e o afastamento do cânone literário

Literature on the margin of the canon: the movement of the independent authors of Pernambuco and the removal of the literary canon

Recebido em 24/02/2017. Aprovado em 17/05/2017.

**Josefa Janiele Cordeiro Marinho \***

Universidade Federal Rural de Pernambuco / Unidade Acadêmica de Garanhuns |  
\*janielemarinho@hotmail.com

### RESUMO

*Este trabalho discute a relação do Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco com o cânone literário dos anos 1980. Apresenta uma breve discussão sobre conhecimento científico e conhecimento tradicional, caracterizando um como superior ao outro. Diante disso, discute a relação de superior e inferior no meio literário, mostrando a resistência dos escritores da década de 1980 frente a uma cultura editorial pautada na burocracia e submissão ao Estado.*

**Palavras-chaves:** Movimento social. Cânone. Ciência. Literatura. Margem.

### ABSTRACT

*This paper discusses the relationship of the Movement of Independent Writers of Pernambuco with the literary canon of the 1980s. It presents a brief discussion of scientific and traditional knowledge, characterizing one as superior to another. Therefore, we discuss the relationship of superior and inferior in literary medium, showing the strength of the 1980 front writers to an editorial culture guided by the bureaucracy and submission to the State.*

**Keywords:** Social Movement. Canon. Science. Literature. Margin.

### Introdução

Ao longo do século XXI, o conhecimento científico e filosófico, vem gradativamente se transformando em uma mercadoria, em função da sua relação com o capitalismo. Isso é um sintoma de uma sociedade global que prioriza os lucros sobre todos os outros valores que se possa ter.

Neste artigo pretende-se discutir o Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco (MEIPE), como movimento importante para divulgar uma nova forma de fazer cultura sem estar preso à ética de mercado que favorece apenas aqueles que estão no poder. Mostra de forma sucinta o quanto o meio literário também é afetado pelo modelo capitalista, trazendo o MEIPE como movimento de contracultura, à margem do sistema a que estamos submetidos.

Tem-se como objetivo discutir a questão do conhecimento acadêmico e o conhecimento produzido fora da academia. Trazendo assim o MEIPE como exemplo de movimento que saiu dos muros da academia para democratizar o acesso à arte e literatura. Além do que, o Movimento rompeu com a ideia da cultura hegemônica imposta, pois "o discurso da alta cultura tem, o mais das vezes, estado a serviço do poder e do Estado" (REIS, 1992 *apud* SANCHES, 2014). Assim sendo, o MEIPE desvincilhou-se do que os intelectuais da época chamavam de literatura, trazendo para o meio literário uma nova forma de escrever e distribuir seus escritos. Apesar de ter sido um movimento importante para a literatura pernambucana - especialmente a poesia - não teve/tem a devida atenção que deveria ter. O Movimento foi esquecido, fica a dúvida: o Movimento não permaneceu vivo por causa do período em que aconteceu ou por questões estéticas da escrita ou talvez porque não teve o apadrinhamento que os outros movimentos sociais tiveram ou ainda porque os escritores deixaram-se conduzir pelo poder do capitalismo? Sabe-se que hoje em dia ainda se encontram alguns resquícios daquilo que os poetas da década de 1980 propagavam - exemplo disso é o "Controverso Urbano" que realiza saraus no Recife, mas ainda pouco difundido.

### ***CONHECIMENTO: o conhecimento acadêmico x o conhecimento produzido além dos muros da academia***

Entende-se por conhecimento como sendo aquilo que é produzido pela humanidade, Bell nos diz que conhecimento é "um conjunto de declarações organizadas sobre fatos e ideias, apresentando um julgamento ponderado ou resultado experimental que é transmitido a outros" (BELL, 1973 *apud* CASTELLS, 1999).

Todavia, o conhecimento científico e o conhecimento tradicional são diferenciados na sociedade em que vivemos: um é superior ao outro. De acordo com Santos,

começa hoje a reconhecer-se que o conhecimento científico actual impõe como única possível interpretação da realidade uma cosmovisão que é imposta como explicação global do mundo, anulando a possibilidade da complementaridade entre saberes (SANTOS, 1995, p.25 *apud* SANTOS; MENESES; NUNES, 2004).

Impõe-se, portanto, uma desumanidade e opressão contra qualquer outra forma de conhecimento que não seja científico. Tudo isso pelo fato de o conhecimento, assim como nós seres humanos, estar submetido à perversa ética de mercado e pelas relações de poder que nos são impostas.

O mundo está dividido entre conhecimento científico/ciência e conhecimento tradicional/outras ciências. Dessa forma, tal qual "é fruto do modelo cartesiano que divide o mundo entre o sujeito que sabe e o objeto que vai ser estudado (MENESES; SANTOS; NUNES, 2004. p.14).

Fazendo uma analogia com a "ciência da educação", o modelo pedagógico baseado na epistemologia elitista ocidental segue justamente essa lógica em que "o sujeito é o elemento conhecedor, o centro do conhecimento. O objeto é tudo o que o sujeito não é" (BECKER, p.14). Para Freire, "conhecer, na dimensão humana, (...) qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que o outro lhe dá ou impõe" (FREIRE, 1983, p.16), é necessário que haja reflexão acerca daquilo que se está a conhecer, para que assim aconteça transformação. Dessa forma, percebe-se que, em todas as áreas do conhecimento, há essas divisões, o que repercute também nas relações a ideia de dominador e dominado, o mais importante e o menos importante, o civilizado e o não civilizado, o superior e o inferior (QUIJANO, 2010).

Assim sendo, fica claro o poder da ciência moderna ao se decidir o que é conhecimento verdadeiramente ou não, como nos sugere Santos, Meneses e Nunes (2004, p. 01): "A ciência moderna conquistou o privilégio de definir, não só o que é ciência, mas muito mais do que isso, o que é conhecimento válido." O conhecimento tradicional, originalmente, não possui proprietários (legalmente não), ele é compartilhado. O conhecimento científico possui seus proprietários, que produzem o conhecimento e cobram para compartilhar. O que é científico, dentro do ponto de vista econômico, é passível de gerar lucros, pois assim haverá benefícios para grandes empresas. A ciência em si não é vista como algo que possa contribuir socialmente, mas como algo que gera lucros, a nossa sociedade capitalista vive de tudo aquilo que pode gerar lucros. Politicamente e economicamente a ciência contribui para manter os interesses próprios de empresas e políticos, e não para o bem comum. Como, por

exemplo o que se caracteriza como saber popular, que é construído a partir das “camadas populares da sociedade, ou seja, as classes dominadas do ponto de vista econômico e cultural (LOPES, 1993, p. 18)”.

O conhecimento literário também tem suas divergências na academia, citando-se como exemplo a poesia marginal. Esta que teve início no Brasil nos anos 1970, - período de ditadura Militar - durante muito tempo foi mal vista pela crítica literária, no meio acadêmico e por aqueles que fazem cultura para um pequeno público - além da opressão do Estado contra os artistas, movimentos culturais durante e depois do Ato Institucional de número cinco (AI-5). Em se tratando da crítica naquela época, Alfredo Bosi, sobre a poesia marginal, afirma

[...] Por todos aqueles critérios, segundo os quais a poesia é uma representação, uma elaboração do fundo inconsciente ou imediato, esta poesia está apenas como uma, chame-no-la assim, efusão. [...] Então, teríamos, dentro de uma concepção mais tradicional, até um pouco de escrúpulo em considerar isso como poesia (BOSI, 1981, p. 78 *apud* CABANAS, 2014, p. 06)

Em particular vamos tratar adiante de um movimento que teve início na década de 1980 e se caracteriza por dedicar-se à poesia marginal, o Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco (MEIPE). Os escritores deste movimento foram ignorados pela crítica literária da época, encontraram resistência para serem aceitos enquanto escritores, pois não seguiam uma estética literária padrão / tradicional, praticavam a contracultura, distanciando-se do cânone literário dominante.

### ***Movimento dos escritores independentes de Pernambuco, a poesia marginal e o afastamento do cânone literário***

O Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco (MEIPE), surgiu na década de 1980, na cidade do Recife. Criado na época por escritores jovens, foi um meio de divulgar e difundir a literatura como forma de resistência diante de um sistema opressor que estava saindo de cena. O Movimento tinha como objetivo, além de lutar através dos versos contra a ditadura, também fugir ao que as editoras tinham como ideal de criação literária. Em sua carta de princípios o movimento cita em um dos itens "Independência ante pressões vindas do meio intelectual ou político no sentido de impor, padronizar ou restringir temas e formas (ESPINHARA, 2000, p. 16 *apud* SANCHES, 2014, p. 04)." Diferente do que propõe a estética concretista de versos padronizados e temas pré-definidos, a poesia dos "marginais" não tinha uma

referência quanto à forma de escrever, de se expressar - eles estavam criando sua própria referência.

Em uma entrevista ao Jornal do Comércio no ano de 1989 o poeta e um dos coordenadores do Movimento, Eduardo Martins diz que o MEIPE

nasceu diante das frustrações sofridas perante a burocracia literária existente [...] e era encabeçado por escritores que tinham (e têm) o desejo de levar a poesia às ruas e conseqüentemente ao povo. A maior característica do movimento é a identificação com as bases.

Os Independentes levavam a arte que era tida apenas como um meio de se conseguir lucros e algo distante do povo para os locais onde se encontravam as massas. Faziam recitais pelas ruas e praças, editavam seus próprios livros e os vendiam a preços acessíveis. A escritora do MEIPE, Fátima Ferreira em entrevista, relembra que os escritores marginais da década de 1980

Além de pão queríamos circo e liberdade, que nos foram esgotados pela ditadura militar. E então tomamos as ruas com nossa poesia, produzindo nossos livros sem interferência de editoras, vendendo-os de mão em mão, nos bares, universidades e ruas, sem atravessadores (2014).

Afastam-se do cânone literário por não seguir os padrões literários da época, por escrever e não se submeter às regras de publicação das editoras que estavam submissas ao poder do Estado.

Leyla Perrone-Moisés em sua obra "Altas literaturas" descreve que o cânone "No âmbito do catolicismo, também tomou o sentido de lista de santos reconhecidos pela autoridade papal. Por extensão, passou a significar o conjunto de autores literários reconhecidos como mestres da tradição." Os escritores do MEIPE estavam às margens daquilo que pregava a cultura editorial, suas produções baseavam-se na livre expressão de forma e temas sobre os quais escreviam.

O MEIPE foge dos padrões estabelecidos pelo capitalismo, o conhecimento produzido pelos Independentes (a poesia, a arte) procura atingir aqueles que estão à margem da sociedade.

A poesia marginal dos escritores do MEIPE foi tomando os espaços do Recife. Apesar da resistência da crítica conseguiram causar alvoroço

Aquela trupe que saiu às ruas com a boca 'inflamada' de versos, começou a incomodar. Queriam nos fazer calar. Era inevitável que causássemos incômodos variados aos que manipulavam os pequenos espaços culturais existentes, já que nós os desarticulávamos quando levávamos a poesia às ruas 'sem cartão de ponto', de graça. Não estavam acostumados com a poesia livre nas calçadas. De dentro dos seus gabinetes, organizaram mutirões com o dinheiro público, lançamentos de livros e motins. A nós bastava apenas um hidrante, a copa de uma árvore ou uma pedra filosofal para que realizássemos os nossos recitais (FERREIRA, Fátima, 2014).

A ideia de disseminar a poesia, distribuir seus livros e protestar contra uma cultura editorial pautada nos lucros foi ganhando força, os poetas do MEIPE, entre eles Francisco Espinhara, Cida Pedrosa, Wilson Freire, Eduardo Martins, Valmir Jordão, Fátima Ferreira e outros, acreditavam no Movimento e criaram uma nova maneira de encarar a edição, publicação e divulgação de sua literatura no Nordeste.

### ***Considerações finais***

A ciência há muito que vem sendo utilizada como um meio de obter lucros, no sistema capitalista o que importa são os lucros. Diante disso, a produção do conhecimento informal é muitas vezes desvalorizado, pois não gera capital, - não possui proprietários - é compartilhado livremente. O conhecimento científico possui proprietários o que faz dele algo lucrativo.

A poesia marginal iniciou-se no Brasil na década de 1970, e desde então esses escritores que estavam à margem do cânone literário que tinha como referência os grandes mestres da literatura, possuía na sua escrita geralmente temas que versavam sobre causas populistas. Na década de 1980, alguns jovens escritores fundaram no Recife o MEIPE, e passaram a fazer recitais, edição de livros de forma independente.

Uma das possíveis causas do MEIPE ter perdido visibilidade no cenário da literatura pode ter sido o fato do movimento estar à margem do sistema capitalista, à margem do cânone literário. Com isso, faz-se necessário perceber que o conhecimento produzido fora da academia precisa ser estudado, pois apesar do distanciamento dos cânones estabelecidos, novos conhecimentos são produzidos e devem ser inseridos - quando possível - ao meio acadêmico, valorizando a cultura que surge e fala das camadas populares e torna a arte acessível que pode mudar a si e ao outro, enquanto objeto de transformação.

## **Referências**

- BECKER, Fernando. **Ensino e construção de conhecimento**. Porto Alegre, Artmed, 2001.
- BELL, D. **The coming of pos-industrial society: a venture in social forecasting**. New York: Basic Books, 1973.
- BOSI, A. **Debate sobre poesia**. In: WALDMAN, Berta e SIMON, Iumna (Orgs.). *Rebate de pares. Remate de Males*, Campinas, IEL/Unicamp, n. 2, 1981.
- CABAÑAS, Teresa. **A poesia marginal e os novos impasses da comunicação poética**. Revista de Letras, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 89-116, 2005. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/59/51>>. Acesso em: 18 de jan. de 2017.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra. 2 ed. 2000. 530 p.
- ESPINHARA, Francisco. **Movimento dos escritores independentes de Pernambuco**. 1998.
- FERREIRA, Fátima, In 13 jornal "Balaio de gato" Cultura em movimento, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. São Paulo: Paz e terra, 1985.
- LOPES, A. R. C. **Reflexões sobre currículo: as relações entre senso comum, saber popular e saber escolar**. Em aberto, Brasília, v. 12, n. 58, p. 15-22, 1993.
- MOISÉS, Leyla Perrone. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia da letras, 2009.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130
- REIS, Ricardo. **Cânon** In: JOBIM, José Luis. **Palavras da crítica**. Rio e Janeiro: Imago, 1992.
- SANCHES, Maria Elizabete. **À margem do cânone: História e produção do Movimento dos Escritores de Pernambuco**. 2014. Tese (Mestrado) - Universidade Federal de Rondônia. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/1006>>. Acesso em: nov. de 2016.
- SANTOS, B.S.; MENESES, M.P.G.; NUNES, J.A. **Introdução: para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo**, 2004.
- SOUSA, Pâmela. **A poesia marginal no Recife de 80 com o Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco**. Disponível em: <[www.controversourbano.wix.com](http://www.controversourbano.wix.com)>. Acesso em: 15 de nov. de 2016.